

Os volumes, bem impressos e enriquecidos com ótimas ilustrações, constituem valiosa mina de informes para os africanistas em geral, bem como, em particular, para o antropólogo brasileiro interessado em problemas de filiação cultural afro-brasileira.

E. SCHADEN

SERGE (Victor). — Camets, Julliard, ed.; Paris, 1952, 220 pg.

Nestes Camets, Victor Serge, um dos homens inteligentes e sinceros da nossa época, anotou as observações que fazia e as meditações que lhe sugeriam os acontecimentos históricos e as personalidades literárias e políticas do nosso tempo. O livro, que é atraente, tem início em 1936 e termina em 1946, abrangendo um decênio muito rico em destruições e também, talvez, em novas perspectivas... As reflexões de Victor Serge são feitas com simplicidade, mas sempre sugestivas. O livro in'cessará, cremos, todos aqueles que procuram compreender a significação da história dos nossos dias.

J. CRUZ COSTA

L'HOMME ET L'HISTOIRE — ACTES DU VI.^e CONGRÈS DES SOCIÉTÉS DE PHILOSOPHIE DE LANGUE FRANÇAISE. (Société Strassbourgeoise de Philosophie). Presses Universitaires de France, 408 pp. Paris, 1952.

Este livro enfeixa nas suas compactas 408 páginas, a maioria das teses apresentadas ao VI Congresso das Sociedades de Filosofia de Língua Francesa que se reuniu em Estrasburgo, de 10 a 14 de setembro do ano corrente. A obra divide-se em quatro secções que correspondem àquelas em que se dividiu o Congresso. A primeira secção abrange as teses de metodologia; a segunda, as que foram apresentadas sob a rubrica: psicologia e história; a terceira é dedicada ao "sentido da história" e a última à filosofia e a sua história.

Já de si é curiosa a escolha do assunto que serviu de tema central à reunião de Estrasburgo. Ela é reveladora das preocupações que dominam os filósofos contemporâneos. O interesse pelo "sentido da história" é um sintoma da inquietação dos nossos dias, inquietação complexa a analisar e que se nos apresenta também como indicadora de uma certa tendência à profecia...

Abre o volume, o trabalho do único historiador que participou do Congresso — Henri Marrou, especialista assás conhecido de todos os que se dedicam à história, à filosofia e à pedagogia. O trabalho de Marrou intitula-se: *Filosofia Crítica da História e "Sentido" da História*. Marrou percebe na filosofia crítica da história, duas perspectivas que é interessante confrontar e que se lhe afiguram contraditórias. De um lado, a filosofia crítica da história, tal como a desenvolveu Dilthey, seguindo Rickert, Simmel e Max Weber e que também, de certo modo, é a linha desenvolvida por Husserl, Heidegger e Jaspers. A esse movimento, cumpre uma outra orientação, inspirada na tradição da filosofia inglesa, que também sofre a influência de Benedetto Croce e que se expressa nos trabalhos de Collingwood.

O esforço de todos estes pensadores conduz à afirmação: 1.^o — da existência da filosofia crítica da história; 2.^o — na importância que nela tem a criação do historiador.

A história não é, pois, um simples registro de "fatos". A história é o trabalho de um espírito criador que à obra de história imprime um cunho pessoal. O historiador medita sobre o objeto do conhecimento histórico, sobre a experiên-

cia vivida pela humanidade e tira dessa reflexão um valor e um sentido. Essa noção de sentido da história que é corrente nos nossos dias, apresenta-se porém, nota Marrou, como tema de propaganda, como princípio de ação.

Mas, observa o historiador francês, história para a qual se procura um “sentido” (e que talvez o possui) é concebida de maneira completamente independente do problema do conhecimento histórico. Considera-se frequentemente o passado como um objeto puro. Especula-se sobre esse objeto, sem que se indague se é possível, de fato, atingi-lo, — o que, aliás, é para o historiador profissional um escândalo. Espanta-se e com razão, o historiador, com a intrepidez dogmática, ou com a segurança ingênua, revelada pelos filósofos da história. Um círculo vicioso ameaça assim as construções, um tanto prematuras, dos filósofos-historiadores. Este fato exige porém elucidação: a filosofia crítica da história originou-se na filosofia post-hegeliana e liga-se à voga do slogan da volta a Kant que marcou o fim do século XIX na Alemanha. Representa deste modo a filosofia da história, uma reação contra o excesso de idealismo daquela tendência. Aliás, a filosofia de Rickert apresentou-se como um néo-kantismo e Dilthey, como é sabido, ambicionou elaborar uma crítica da razão histórica que seria como que o prolongamento da Crítica de Kant. No entanto, o movimento de pensamento que suscita atualmente o problema do Sentido da História parece ligar-se diretamente a Hegel, ao seu modo de compreender e de definir a história.

Este movimento manifesta, crê Marrou, uma indiferença talvez perigosa em relação principalmente ao problema crítico. Marrou critica o caráter anacrônico da renovação da filosofia da história que se prende a Hegel, pois, o próprio ponto de vista de Hegel já se revelara deficiente. Eis como o historiador francês explica a sua opinião.

Hegel assistiu à primeira floração de uma filosofia da história verdadeiramente científica e crítica, pois foi contemporâneo de Niebuhr e de Ranke, que na sua opinião, são os iniciadores e os primeiros mestres do método atualmente utilizado pelos historiadores. Hegel conhecia bem a obra de Niebuhr e a ela se refere, mas quando assim procede é para não aceitar essa obra, é para criticá-la ou, mais exatamente, para cobri-la com os seus fáceis sarcasmos. Hegel foi um filósofo que se apressou em concluir e em dogmatizar, incapaz que era de suportar a longa paciência que a ciência exige. E de admirar a facilidade com se precipitava a construir uma história filosófica com materiais cuja resistência ele não calculara bem. (Ex.: a história bizantina). Tal segurança dogmática, que já era de lamentar em 1822 e 1831, não é admissível nos nossos dias e é necessário pois, que os atuais filósofos da história, tomem consciência de suas responsabilidades.

Já se procurou distinguir na história — escreve Henri Marrou — o aspecto objeto e o aspecto conhecimento, a “história-realidade” e a “história conhecimento”. Mas tal tentativa foi inútil. Já se procurou opôr *Geschichte* e *História*, *Storia* e *Storiografia*, *Histoire* et *histoire*, a história com H maiúsculo à história com h minúsculo. No entanto, o gênio próprio das diferentes línguas recusou-se sempre a integrar tais distinções no uso corrente e, com razão, pois o primeiro aspecto da história-objeto não existe em estado puro. O conhecimento histórico por sua vez, diz respeito a um objeto, a uma qualidade que é o “Passado”, passado este que ao ser descrito, ao ser conhecido, já sofre uma primeira metamorfose. Esse passado modela-se pelas categorias do sujeito que conhece e assim entra na órbita da análise crítica do historiador... O “Passado” não é ainda história. História, como bem disse o historiador inglês Galbraith (*Why we study History?*) é “the past, so far as we know it”. Deste modo, qualquer afirmação acerca do destino da humanidade é ilegítima se não estiver acompanhada de uma reflexão acerca das condições mesmas com as quais foi obtido o conhecimento sobre o qual se pretende edificar aquela afirmação. Mas, a isto, junta-se ainda uma outra dificuldade: um juízo sobre o sentido da história deveria ter como postulado, naturalmente, um conhecimento verdadeiro e total da história universal.

Ora, podemos perguntar, num plano racional, tal conhecimento é possível? E é compatível com a estrutura e os limites da condição humana? Quem possui talvez esse conhecimento é Deus e seria então o caso de perguntar também se isso incumbe a uma filosofia da história. A uma filosofia cabe simplesmente o pensamento que é próprio aos mortais, aquele que é condicionado pelos incessantes e sempre renovados limites que a crítica lhe vai traçando.

Aliás, a noção de “sentido da história” não é uma idéia filosófica. É uma noção introduzida no pensamento ocidental pela teologia judaico-cristã e não o foi como categoria da razão, mas sim como categoria especificamente religiosa, a da fé, a da Revelação.

Não é esta a primeira e única vez, que a teologia se disfarça em filosofia... Eugênio Imaz, que não aceitava a história abstrata dos sistemas filosóficos, acreditava — e com razão — que detraz de toda filosofia há uma religião. Parecia-lhe que toda a história da filosofia deveria ter como lema: “cherchez la religion...” (Cf. Prefácio de Alfonso Reyes, in Eug. Imaz — *Luz en la Caverna*, p. xii). Aliás a “filosofia da história” já se apresentara aos filósofos do século XVIII como uma transposição da teologia. Turgot (*Plan de deux discours sur l'histoire universelle*, 1751), Voltaire (*Essai sur les Moeurs*, 1756), Condorcet, opuzeram-se à religião cristã e quiseram dar, despresando-a, uma resposta que ela ensinara a humanidade a formular. Assim, esta secularização da teologia cristã da história não é apenas obra dos filósofos da *Aufklärung*. Essa laicização da história aparece já nos cronistas medievais, verdadeiros peritos da leitura da vontade de Deus nos sinais meteorológicos.

Tudo isto conduz Henri Marrou a sublinhar o fato da teologia haver transmitido muito de seu à filosofia da história, talvez muito mais do que se supõe. E, não estará a filosofia da história apresentando-se nos dias atuais, sob novas roupagens, como fé, iluminação, intuição, muito mais do que como referência racional?...

Aquêles que tanto falam hoje de sentido da história, conhecerão exatamente a história para lhe indicarem um sentido? Tal foi a pergunta, talvez maliciosa, que um historiador apresentou aos filósofos, logo ao abrir-se o Congresso de filosofia de Estrasburgo cujo tema, sedutor e perigoso, foi, precisamente, o Homem e a História.

J. CRUZ COSTA